

Entre escolas e cidades: Tessituras comuns

Políticas públicas educacionais no estado de São Paulo e a construção das cidades

EIXO TEMÁTICO: 3_ Cultura Técnica, Forma e Materialidade da Cidade

Miranda Zamberlan Nedel | Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP) | miranda.nedel@usp.br

Objetivos

O objetivo da presente pesquisa consiste em estudar as obras escolares mais representativas das políticas públicas educacionais no estado de São Paulo, vigentes no período que se inicia com a atuação do Convênio Escolar (1949) até a produção atual da FDE, sob a lógica de sua inserção urbana e as consequentes implicações pedagógicas e arquitetônicas de tal relação com a cidade.

Metodologia

A investigação em curso tem caráter bibliográfico, envolvendo aproximações sucessivas ao tema e ao objeto da pesquisa, pautado essencialmente no levantamento bibliográfico e iconográfico em livros, periódicos e meios eletrônicos, com mapeamento de publicações e trabalhos acadêmicos realizados nos últimos anos sobre a arquitetura escolar pública no Estado de São Paulo e o contexto urbano em que tais políticas se desenvolveram, com posterior seleção e análise dos projetos mais representativos para a temática da pesquisa.

O Convênio Escolar As demandas urbanas e a rede física instituída.

Em primeiro lugar as políticas educacionais que constituíram esta ampla rede física emergiram com as novas demandas urbanas - no caso de São Paulo capital, de sua própria conformação metropolitana - quantitativas e também qualitativas, referentes, por exemplo, ao ideário moderno que constituiu grande parte dos projetos da época. Enfim, o projeto moderno e republicano demandou um grande número de edifícios escolares a fim de atender ao objetivo traçado de universalização do ensino, o que corroborou para que os investimentos na educação constituíssem uma importante estratégia política.

Nesse sentido, a arquitetura moderna, em algumas de suas principais características, tais como a continuidade espacial, a relação fluida entre espaço interno e externo e as grandes aberturas, por exemplo, bem serviu ao propósito renovador, libertário e formativo presente no ideário de muitos dos arquitetos e demais agentes envolvidos nos órgãos públicos vinculados à educação. Assim, mais do que instruir a fim de qualificar a mão-de-obra, a formação social, política e cultural passou a constituir uma questão que o edifício escolar deveria atender, através de, por exemplo, modificações da ordem do programa escolar: outros ambientes foram incorporados às salas de aula, tal como ginásios, quadras, recreios cobertos, salas para atividades especiais, bibliotecas, entre outros; assim como as relações sociais pretendidas nos espaços também se alteram.

O IPESP e as escolas de Artigas Escolas transformando cidades e cidades transformando escolas.

Observou-se durante o período do IPESP a conformação das escolas como espaço privilegiado de experimentações arquitetônicas e urbanas que posteriormente seriam amplamente utilizadas em outros equipamentos urbanos. Ou seja, o que posteriormente denominou-se como Escola Paulista foi ensaiado sucessivamente através das escolas produzidas pelos arquitetos paulistas, sobretudo a partir da contratação direta de escritórios, realizada a partir do IPESP. Afirma-se, portanto, que o grande equipamento social da Escola Paulista são os edifícios escolares e muitas de suas características principais foram primeiramente utilizadas na concepção espacial de escolas, como por exemplo o espaço de congregar social como o centro aglutinador do projeto, em geral através de uma cobertura única.

Entretanto, tal como as obras desse período foram influenciadas pelas discussões arquitetônicas e urbanas em voga, as questões e transformações urbanas que se seguiram, na grande maioria dos casos refletiu-se em modificações do projeto arquitetônico original, demonstrando a relação de mão dupla entre edifícios escolares e o espaço urbano em que estão inseridos. Portanto, observou-se como as escolas puderam conformar um ponto nodal a partir do qual o crescimento das cidades se pautou e como tal expansão urbana, em contrapartida, modificou as relações espaciais pensadas originalmente para alguns projetos. Como exemplo, citam-se duas obras emblemáticas produzidas por Vilanova Artigas durante o IPESP: a EE. Conselheiro Crispiniano (Ginásio de Guarulhos) e a EE Prof. Jon Teodoro (Ginásio de Ilhanhém) nas quais observa-se modificações nas relações espaciais pretendidas devido à relação com o entorno imediato, o que transformou o propósito das circulações livres e da continuidade espacial em um espaço escolar contido por muros, cercas, e em que o que acontece na área externa à escola passa a ser mais repellido do que integrado.

A FDE e a expansão da rede física Espacialização da rede escolar e as possíveis lógicas subjacentes

Analisando-se a espacialização dos prédios escolares construídos nas últimas décadas, durante a atuação da FDE, observa-se possíveis traduções de lógicas de produção territorial subjacente à expansão da rede física desenvolvida. Conforme expresso no livro "FDE: Arquitetura escolar paulista: estruturas pré-fabricadas" (FERREIRA; MELLO, 2006), há uma interdependência entre a localização das escolas construídas pela FDE e os dados da variação da população infantil. Nesse sentido, o que observa-se, em geral, é a construção de maior número de prédios escolares em bairros periféricos tanto em relação ao município de São Paulo quanto à Região Metropolitana, pois tais regiões apresentaram, de modo geral, maior crescimento da população infantil do que se comparado a bairros e distritos mais centrais. Porém, algumas situações fogem de tal lógica, como por exemplo em alguns distritos da Capital, os quais, apesar de apresentarem grande demanda, justifica-se o não atendimento de tais demandas devido à inexistência de terrenos públicos, segundo argumentação apresentada na referência acima citada.

Dessa forma, através dos três momentos apresentados, observa-se a intrínca relação entre edifícios escolares e a construção das cidades em que estes foram projetados. Assim como Silvia Wolff afirma que "A arquitetura escolar é, possivelmente, a que permite uma visão mais ampla da evolução da arquitetura pública em São Paulo" (WOLFF, 2010, p. 25), ressalta-se que, consequentemente, tal arquitetura constancia inúmeros processos políticos, sociais, econômicos, culturais que, por sua vez, influenciaram as transformações urbanas.

Resultados preliminares

Com a presente pesquisa pôde-se observar, até então, a relação entre a rede física escolar constituída nos períodos de estudo e a inserção urbana dos prédios que a compõem, assim como as modulações presentes na construção dialética entre equipamentos públicos escolares e a cidade como objeto construído. Assim, os edifícios escolares são analisados como elementos primordiais na tessitura das narrativas de conformação urbana, pois revelam muitos aspectos do contexto das cidades na época da construção de tais prédios, como elucidado por Artigas:

Nessa procura de rumos, em cada fase da luta pela educação nacional, constroem-se escolas cuja arquitetura reflete talvez melhor do que qualquer outra categoria de edifícios, as passagens mais empolgantes de nossa cultura artística; os recursos técnicos que tivemos à disposição; as ideias culturais e estéticas dominantes; tudo condicionado a um projeto nacional de desenvolvimento. Conhecendo estas passagens, pode, a arquitetura brasileira, não só valorizar corretamente os sucessos dos pontos nodais de sua história, como escolher caminhos novos (ARTIGAS in ACROPOLE, 1970, p.12).

Dessa forma, reitera-se a argumentação realizada por Mello (2012), na qual analisa o edifício escolar enquanto elemento essencial para construção das cidades: "A grande importância do edifício escolar reside no fato de ser acessível a toda a população e disseminar um novo jeito de se relacionar, de conviver, de construir, uma nova forma de se apropriar da cidade, uma nova plástica, uma nova volumetria, uma nova espacialidade, uma referência urbana. Enfim um propagador de arquitetura" (MELLO, 2012, p. 21). Nesse sentido, na presente pesquisa ressaltam-se três períodos centrais que exemplificam a relação estabelecida entre edifício escolar e a construção urbana.

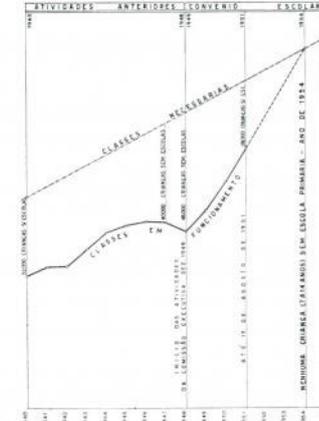


Imagem II: Classes necessárias e classes em funcionamento em período anterior ao Convênio Escolar e durante os anos 1949-1954 do Convênio. AMADEI, José. in Habitat, n. 4, São Paulo, set-dez. 1951, p. 3

Dois exemplos de uma situação urbana semelhante: a construção do edifício escolar em uma área urbana pouco densa e em que a relação com a cidade circundante se faz de forma permeável, e a destoante inserção urbana atual, em que a cidade cresceu no entorno da escola, que delimita-se e parece repelir a cidade que a cerca, através de muros e grades.



Imagem III: CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger de. (Orgs). Arquitetura Escolar Paulista. Restauro. São Paulo: FDE, 1998, p. 215.



Imagem IV: CORRÊA, Maria Elizabeth Peirão; FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger de. (Orgs). Arquitetura Escolar Paulista. Restauro. São Paulo: FDE, 1998, p. 216.



Imagem V: GOOGLE EARTH. [EE Prof. Jon Teodoro]. [2016]. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Escola+Estadual+Professor+Jon+Teodoro/>. Acesso em: 29 de fevereiro de 2016.

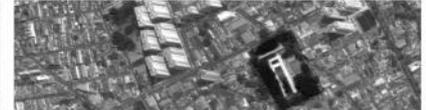


Imagem VI: Expansão (salas/ano) realizadas pela FDE desde sua criação. FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger de. (Org.). FDE: Arquitetura escolar paulista: estruturas pré-fabricadas. São Paulo, 2006, p.18.

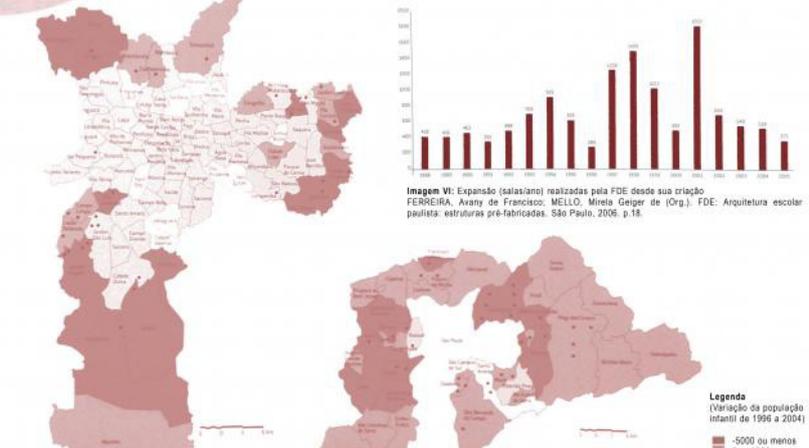
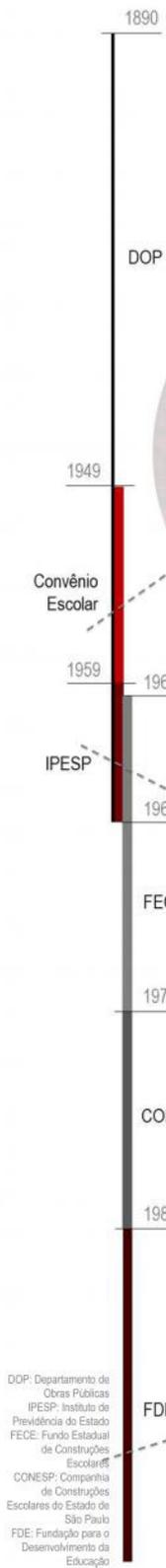


Imagem VII: Mapa do Município de São Paulo: Obras pré-fabricadas e Variação da população infantil de 1996 a 2004. FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger de. (Org.). FDE: Arquitetura escolar paulista: estruturas pré-fabricadas. São Paulo, 2006, p.21.

Imagem VIII: Mapa da Região Metropolitana de São Paulo: Obras pré-fabricadas e Variação da população infantil de 1996 a 2004. FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger de. (Org.). FDE: Arquitetura escolar paulista: estruturas pré-fabricadas. São Paulo, 2006, p.21.



DOP: Departamento de Obras Públicas
IPESP: Instituto de Previdência do Estado
FECE: Fundo Estadual de Construções Escolares
CONESP: Companhia de Construções Escolares do Estado de São Paulo
FDE: Fundação para o Desenvolvimento da Educação

Adaptado de: FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger de. (Org.). FDE: Arquitetura escolar paulista: estruturas pré-fabricadas. São Paulo, 2006, p.19.